

ALERGIA AOS GATOS

NOVA METODOLOGIA REDUZ EFEITOS ADVERSOS

MAGAZINE DE VETERINÁRIA DO ÍNDICE®

JUL 2019

VET DIGEST®

DOWNLOAD GRÁTIS

WWW.INDICE.PT

TRÁFICO DE ANIMAIS

MILHARES APREENDIDOS EM OPERAÇÃO INTERNACIONAL

COLETE
PARA TREINAR CÃES

SOS
ANIMAL
LISBOA JÁ TEM
AMBULÂNCIA

ESPECIAL
RECUPERAÇÃO

LINCE
IBÉRICO

Sua Majestade, o
PAVÃO



ISSN: 2182-2220



9 771646 366003



INTERAÇÕES MEDICAMENTOSAS?



ÍNDICE[®] PRO



Android e iOS

Compatível com as últimas versões

Faça Download Gratuito nas App Stores



Google play

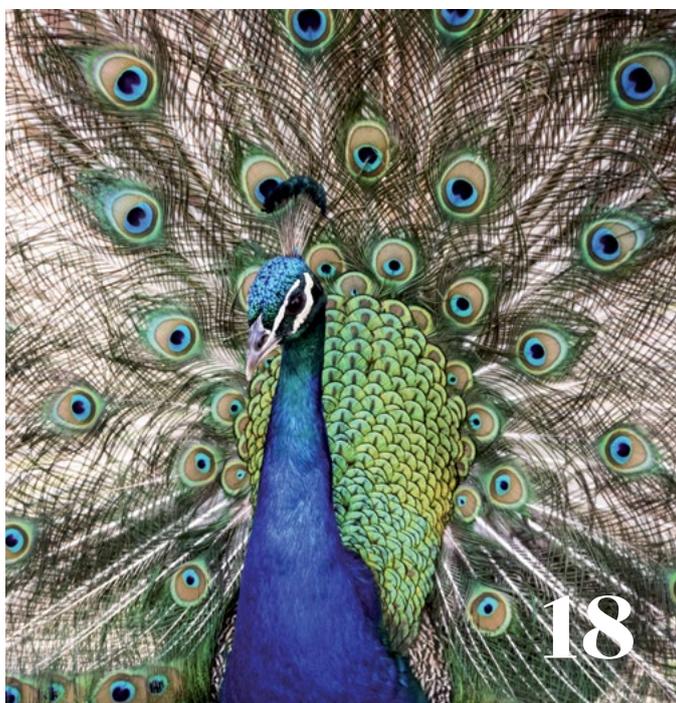


Available on the
App Store



Em recuperação!

6 LINCE IBÉRICO



Sua Majestade, o

PAVÃO

Uma ave exuberante de beleza ímpar



Investigação

Nova metodologia permite reduzir
alergia dos humanos aos gatos

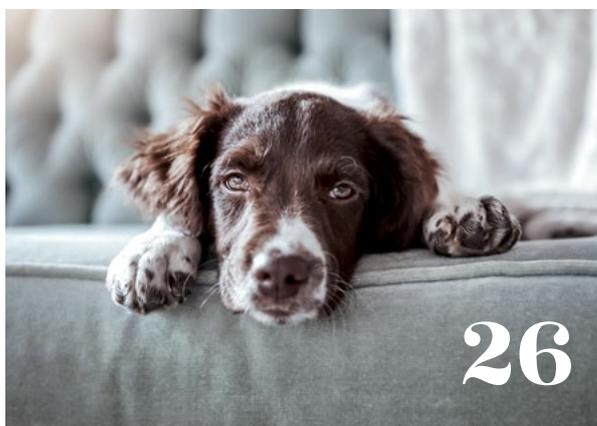


- 14 **Bem-estar Animal**
BE e PAN pedem proibição das corridas de cães

- 15 **Tráfico de Animais**
Milhares de animais selvagens apreendidos em operação internacional

- 16 **Investigação**
Novos testes de ADN previnem atrofia progressiva da retina

- 17 **Saúde Animal**
Lisboa já tem ambulância para socorro animal



- 26 **Investigação**
Osteoartrite em animais de companhia em crescimento



- 28 **Saúde Animal**
Detetado caso de raiva em Ceuta

- 29 **Saúde Animal**
Médicos veterinários espanhóis recuperam jovem ocelote

- 30 **Investigação**
Desenvolvido colete que permite treinar cães sem usar a voz ou o gesto



16

ÍNDICE®

www.indice.eu

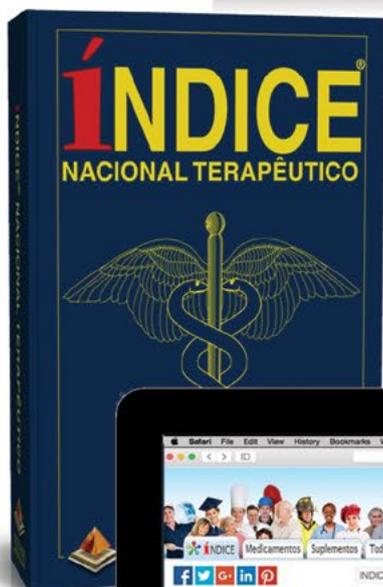
www.indice.eu



ÍNDICE®
4Mobile



ÍNDICE®
4Mobile



ÍNDICE®
DIGITAL

ÍNDICE®
Compêndio



www.indice.eu

CONSERVAÇÃO DE ESPÉCIES



Em recuperação!

LINCE IBÉRICO

Não é surpresa para ninguém que o Lince Ibérico está em perigo de extinção. É, aliás, o felino mais ameaçado do planeta, tendo sofrido um processo de regressão acentuado desde o século XIX até ao início do século XXI. Até há pouquíssimos anos o Lince Ibérico, de nome científico *Lynx pardinus*, esteve a ponto de desaparecer da fauna do presente. No século XX, passou de residir em praticamente todo o território português a ser uma raridade em pequenos focos nacionais.

A sua história tem sido atribulada. No século XIX a população mundial da espécie estava estimada em cerca de 100 mil animais, distribuídos por Portugal e Espanha, mas no início do novo milénio o número não chegava à centena de exemplares.

Atualmente, há quem diga que o pior já lá vai. Graças a um conjunto crescente de projetos que visam a conservação do felino, parece estar a iniciar-se a recuperação – a altura ideal para dele se falar.

O lince ibérico – também conhecido pelos nomes populares de cerval, lobo-cerval, gato-fantasma, gato-cerval, nunca-te-vi, liberne, gato-

-cravo ou gato-lince –, é uma espécie de mamífero carnívoro que pertence à família *Felidae*, que inclui animais de grandes dimensões como o leão, o tigre, ou o jaguar, e animais de dimensões menores, como o gato-bravo, o gato doméstico ou o ocelote.

Animal de dimensões médias, o seu comprimento varia entre 90cm e 120cm e pesa 9-10Kg, no caso das fêmeas, e 12-14Kg no caso dos machos.

Possui uma cabeça pequena em proporção com o corpo e os seus membros robustos terminam em patas com quatro dedos equipados com unhas, que pode recolher completamente.

Como características inconfundíveis apresenta cauda curta com uma mancha negra apical, um conjunto de pêlos compridos nas extremidades das orelhas – os pincéis – e umas patilhas de longos pelos pretos e brancos de ambos os lados do focinho que se assemelham a barbas.

A sua pelagem castanho-amarelada com manchas pretas permite-lhe passar despercebido no seu habitat, a floresta mediterrânica.

O lince ibérico é conhecido pelos nomes populares de cerval, gato-fantasma, nunca-te-vi, liberne, gato-lince, entre outros.





Biologia, ecologia e causas do declínio populacional

O lince ibérico ocorre apenas na Península Ibérica onde atualmente habita zonas com áreas ricas em arbustos, para se abrigar, e áreas mais abertas, que lhe proporcionam alimento.

Evita zonas com maior influência humana como as plantações industriais, os campos agrícolas, as áreas urbanizadas ou as imediações de estradas, embora possa atravessá-las quando, enquanto jovem, procura uma área para se estabelecer.

Trata-se de uma espécie solitária – os machos e fêmeas adultos só têm contacto na época de acasalamento –, e territorial – os machos adultos ocupam áreas exclusivas que defendem uns dos outros, tal como acontece com as fêmeas. No entanto, os territórios de machos e fêmeas podem sobrepor-se.

À semelhança da maioria dos outros carnívoros presentes na Península Ibérica, como o lobo, ou o texugo, o período de atividade do lince é crepuscular ou noturno. Nesta altura inicia as deslocações dentro do seu território à procura de alimento. A área territorial do lince pode variar entre 300ha e 2000ha, dependendo da densidade populacional da sua principal presa.

A espécie alimenta-se quase exclusivamente de coelhos-bravos. Em regra, um lince-adulto necessita de um coelho por dia, podendo esta necessidade aumentar para as fêmeas gestantes e com crias numerosas. Em áreas ou em alturas em que a abundância de coelho é baixa, a sua dieta é complementada com outras presas, como roedores, gamos, lebres, patos ou perdizes, ainda que prefira o coelho.

A época de reprodução tem um pico entre dezembro e janeiro. As crias, em número de 2 a 4, nascem após dois meses de gestação em cavidades naturais como troncos ocos de árvores de grandes dimensões ou cavidades rochosas, onde permanecem até aos dois meses de idade. Nessa altura, começam a acompanhar a mãe nas suas deslocações diárias até atingirem 1-2 anos de idade, altura em que abandonam a progenitora e iniciam a procura do seu próprio território.

A espécie esteve presente em praticamente toda a Península Ibérica até meados do século XIX. Na segunda metade do século XX verificou-se um declínio acentuado, deixando menos de 100 animais em duas populações isoladas de Doñana e Serra Morena, na Andaluzia.

De Portugal, ao longo do século XX, foi desaparecendo. Por essa razão, em 2002 foi classificado com o estatuto de “Críticamente em Perigo” na Lista Vermelha de espécies ameaçadas da União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN).



O lince ocorre apenas na Península Ibérica onde atualmente habita zonas com áreas ricas em arbustos, para se abrigar.

As causas deste declínio populacional e da regressão da área de ocorrência da espécie são várias, mas estão relacionadas sobretudo com a diminuição das populações de coelho-bravo e com a perda de habitat.

De facto, a diminuição significativa da abundância da sua presa principal, o coelho-bravo, como consequência da proliferação de doenças como a mixomatose e a doença hemorrágica viral afetou de forma muito negativa as populações de lince-ibérico.

A este fenómeno acresceu a destruição e formação de manchas isoladas do habitat preferencial da espécie – o matagal mediterrânico – devido à instalação de extensos campos de cultivo/alteração das práticas agrícolas e à implantação de povoamentos florestais industriais, assim como devido à expansão das vias de comunicação e à construção de barragens.

Outros fatores que também poderão ter tido um papel relevante no declínio do lince foram a elevada mortalidade resultante de causas não-naturais, como o atropelamento e abate ilegal a tiro ou com recurso a armadilhas.

Devem ainda ser considerados os problemas de infertilidade e os fenómenos típicos de degradação genética associados a populações de tamanho reduzido. Patologias como a leucemia felina, a toxoplasmose e a tuberculose bovina constituem igualmente sérias ameaças à sua sobrevivência.

A precária situação em que o lince se encontrava e o facto de ser o felino mais ameaçado do mundo despertaram um grande interesse e preocupação por parte da sociedade e das autoridades, o que os levou a agir.

Com efeito, está a ser implementado na Península Ibérica um conjunto de medidas de conservação integradas em programas delineados para recuperar a espécie tanto em território nacional como no espanhol.

Proporcionar à espécie um futuro: medidas de conservação

A concretização dos programas de conservação do lince incluem ações específicas como:

– A recuperação e conservação do habitat e das populações de presas. Para que uma população seja viável, o meio tem de ter condições para a suportar, o que passa, antes de mais, por disponibilizar-lhe abrigo e alimento. As ações de melhoria do habitat incluíram a recuperação de áreas de matagal mediterrânico e o estímulo das populações de coelho, através do repovoamento, disponibilização de alimento e de zonas de abrigo.

– A redução das causas de mortalidade não-natural: a diminuição da incidência de mortalidade não-natural da espécie é essencial para garantir a viabilidade das populações a longo-prazo. Assim, é importante reduzir o impacto das estradas – que, para além de atuarem como barreiras aos movimentos dos animais, causam um número considerável de mortes por atropelamento –, e controlar o abate ilegal.

– Educação e sensibilização da sociedade para a importância da conservação do lince. Para além de tornar a conservação da espécie compatível com atividades como a gestão agro-florestal, a caça e o turismo, é essencial sensibilizar e educar o público em geral, e as populações de áreas de ocorrência histórica/potencial da espécie em particular, para a importância da espécie e da sua conservação.





– Reforço populacional e reintrodução de felinos no meio natural.

Dado o reduzido tamanho, foi necessário fazer o reforço de alguns núcleos populacionais já existentes e, quando criadas as condições que garantiam a viabilidade populacional em zonas de ocorrência histórica da espécie, reintroduziram-se animais em locais de ocorrência histórica. Para isso foi fundamental a implementação de um programa de reprodução em cativeiro de maneira a aumentar o número de indivíduos disponíveis para estas ações.

Uma reintrodução é uma tentativa de estabelecer uma população selvagem viável de uma dada espécie, numa determinada área geográfica que já foi

parte da sua distribuição histórica mas onde esta espécie foi extinta.

O programa de reintrodução do lince foi desenvolvido desde 2009, em conjunto com Espanha, no Centro Nacional de Reprodução do Lince-Ibérico (CNRLI), em Silves.

No final de 2014, os primeiros lincos (um casal) foram libertados num cercado de adaptação em Mértola e, em fevereiro de 2015, abriram-se as portas deixando-os ir para o meio natural.

Entre 2015 e 2017 foram libertados 27 animais no Vale do Guadiana. Desde 2016 que há reprodução na natureza e a maioria dos animais apresenta território estável.

O programa de reintrodução do lince foi desenvolvido desde 2009, em conjunto com Espanha, no CNRLI, em Silves.

Atualmente, estima-se que a população de lince ibérico a viver na natureza em Portugal seja constituída por 75 animais, espalhados pelos concelhos de Mértola, Serpa, Castro Verde e Almodôvar, no distrito de Beja, no Alentejo, e Alcoutim, no distrito de Faro, no Algarve.

A estimativa resulta de 40 libertações, 55 nascimentos e 13 mortes em meio natural, exclui oito desaparecimentos registados até hoje em Portugal e um animal que dispersou para Espanha, e inclui dois que dispersaram de Espanha para Portugal.

Os números não deixam margem para dúvidas: o efetivo do lince ibérico passou de cerca de 90 animais em 2003 para 640, segundo o último censo realizado em 2018. A espécie passou de “ criticamente Ameaçada ” para “ Ameaçada de Extinção ” e poderá ser “ Espécie Vulnerável ” em poucos anos, e sem estatuto de ameaça dentro de décadas, devido à reintrodução de exemplares na Península Ibérica.

Se está preocupado com estas reintroduções, saiba que a existência de lince no território não trará mudanças no dia-a-dia das atividades humanas. Os lince são animais esquivos, que preferem áreas tranquilas, estabelecendo territórios onde a densidade de outros predadores passará a ser menor.

Da próxima vez que passar na região do vale do Guadiana, não se surpreenda se se cruzar com um lince-ibérico. Depois dos esforços conjuntos de Portugal e Espanha para a recuperação da espécie, não é assim tão improvável ter um encontro imediato com um exemplar. Não se assuste pois estes animais não trazem problemas de segurança aos humanos. Aproveite o momento!

Tenha em mente que a conduta de cada um de nós contribui para uma futura conservação mais eficaz do lince ibérico e do seu habitat. Proteger o lince não é apenas salvar da extinção uma espécie para os nossos descendentes, mas também conservar um ecossistema.

Se quiser participar e contribuir pessoalmente para o sucesso da reintrodução desta espécie pode: divulgar informação fidedigna sobre a espécie e a sua conservação; apoiar iniciativas locais que valorizem a espécie e a região; circular de carro com precaução, prestando especial atenção aos locais sinalizados e durante a noite; cooperar na eliminação, na sua região, de laços, venenos e outros meios ilegais de captura de animais; e até expor ideias e novas iniciativas.

Saber Mais:

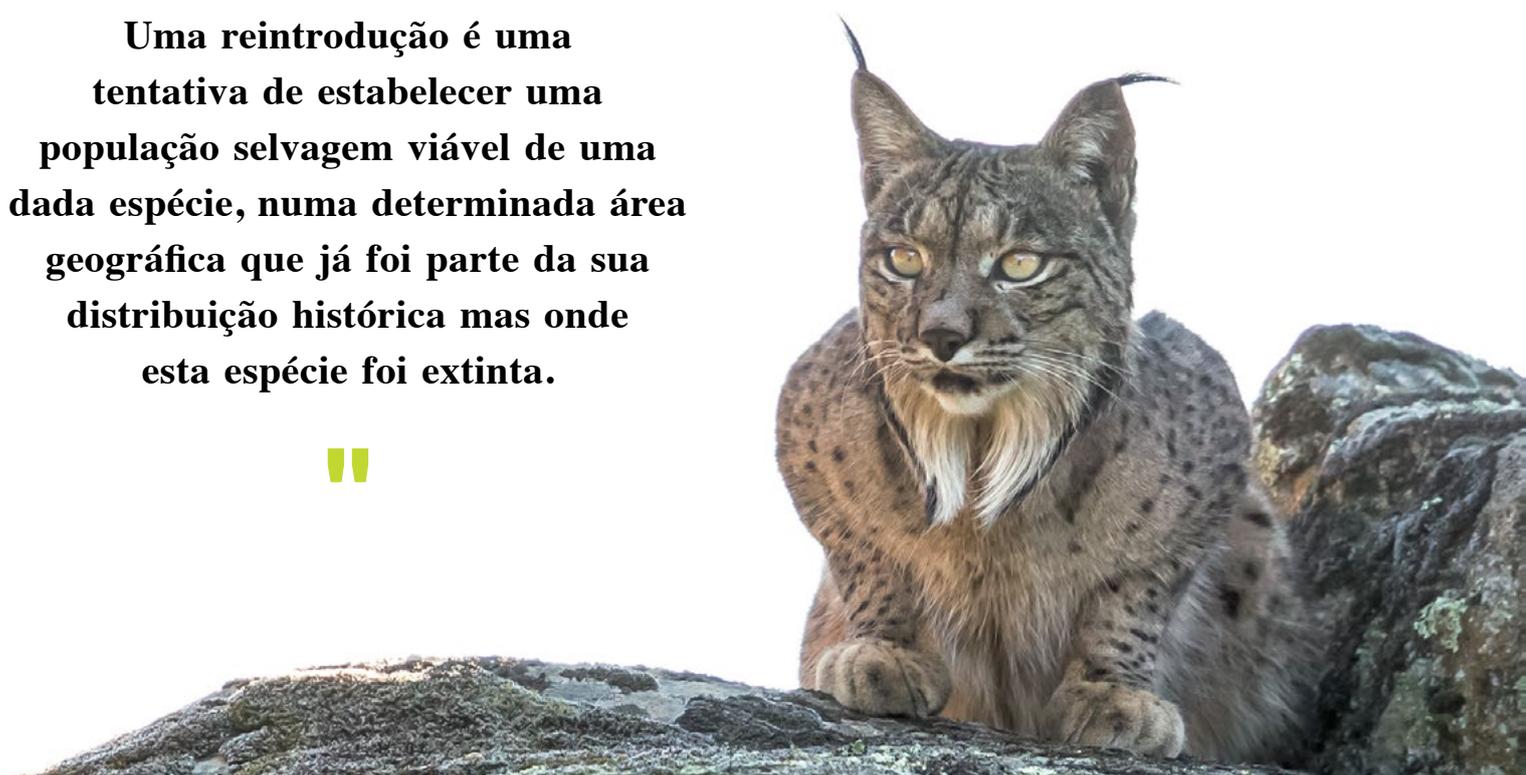
<http://habitatlinceabutre.lpn.pt/homepage/lince-iberico/content.aspx?tabid=2326&code=pt>

<http://areasprotegidas.icnf.pt/lince/index.php/lince-iberico/caracteriza-especie>

<http://www.iberlince.eu/index.php/port/lince-iberico/ecologia#.XXjWW5NKhUN>



Uma reintrodução é uma tentativa de estabelecer uma população selvagem viável de uma dada espécie, numa determinada área geográfica que já foi parte da sua distribuição histórica mas onde esta espécie foi extinta.



BE e PAN pedem proibição das corridas de cães

A Assembleia da República discutiu recentemente dois projetos de lei apresentados pelo Bloco de Esquerda (BE) e pelo partido Pessoas-Animais-Natureza (PAN) que pretendem proibir as corridas de cães.

O projeto de lei do PAN quer proibir as corridas de cães “em todo o território nacional, independentemente da sua raça” e prevê sanções para quem promova, divulgue, venda bilhetes, forneça instalações, preste auxílio material ou “qualquer outra atividade dirigida à sua realização”.

Aqueles que o fizerem poderão ser punidos “com pena de prisão até dois anos ou com pena de multa” e quem “participar, por qualquer forma, com animais em corridas é punido com pena de prisão até um ano ou com pena de multa”, refere o projeto do partido.

Já o BE, que também quer proibir estas práticas, recorda que as corridas de galgos existem em Portugal num “registo amador”, ao contrário de países como Austrália, Irlanda, Macau, México, Espanha, Reino Unido e Estados Unidos, sendo acompanhadas de “treinos violentos”.



Os animais já não são considerados coisas, mas seres vivos dotados de sensibilidade e objeto de proteção jurídica.

“Em vários casos, as corridas de galgos decorrem sem qualquer licença e sem as mínimas estruturas de apoio à assistência e aos animais”, razão pela qual, segundo o BE, é necessário “proibir as corridas de galgos e outros cães” e ainda criar “políticas de proteção do bem-estar animal, para garantir a não promoção de apostas ilegais” e “para a limitação de atividades ligadas ao abandono animal decorrente de lesões e desadequação às corridas”.

O PAN salienta que os animais já não são considerados coisas, sendo sim “seres vivos dotados de sensibilidade e objeto de proteção jurídica em virtude da sua natureza”. A tendência mundial é, portanto, para se ir proibindo este tipo de atividades. Tendência essa a que Portugal não deve ficar alheio, especialmente porque esta nem sequer é uma atividade que se diga fortemente implementada entre nós

nem tão pouco que seja uma atividade tradicional”.

Saber Mais:

<https://www.jn.pt/nacional/interior/be-e-pan-querem-proibir-corridas-de-caes-11037228.html>

<https://sicnoticias.pt/pais/2019-06-23-BE-e-PAN-querem-proibir-corridas-de-caes-Parlamento-pronuncia-se-em-julho>

<https://tvi24.iol.pt/politica/bloco-de-esquerda/pan-e-bloco-pedem-proibicao-das-corridas-de-galgos>

Milhares de animais selvagens apreendidos em operação internacional

Milhares de animais, incluindo felinos, macacos, tartarugas, répteis, aves e até tubarões foram apreendidos durante uma operação mundial contra o tráfico de animais selvagens que resultou na detenção de cerca de 600 suspeitos.

Durante a operação, coordenada em junho pela Interpol e pela Organização Mundial de Alfândegas em 109 países, para além dos suspeitos a polícia ainda apreendeu 440 presas de elefante, mais de meia tonelada de objetos de marfim, 2550 metros cúbicos de madeira e 2600 plantas.

No total foram apreendidos nas mãos dos traficantes 23 primatas, 30 felinos, mais de 4300 aves, quase dez mil animais marinhos, incluindo corais, cavalos-marinhos, golfinhos



e tubarões, perto de dez mil tartarugas e cerca de 1500 outros répteis.

A operação desmantelou vários canais de comércio ilegal *online*, permitindo, em particular, a detenção de 21 pessoas em Espanha e a apreensão de 1.850 aves na Itália.

Estas detenções e apreensões foram levadas a cabo por uma equipa internacional de investigadores e agentes aduaneiros reunidos nas instalações da Interpol em Singapura. Segundo a Interpol, outras detenções e processos podem ocorrer nas próximas semanas e meses.

Tim Morris, diretor executivo da Interpol refere que esta é a terceira operação desta magnitude realizada pela Organização, depois de 2018 e 2017, com apreensões de vários milhões de dólares, mas alerta para a dificuldade de combater este tipo de tráfico.

Saber mais:

<https://www.dn.pt/vida-e-futuro/interior/milhares-de-animais-selvagens-apreendidos-em-operacao-mundial-11096855.html>

<https://observador.pt/2019/07/10/tartarugas-golfinhos-e-tubaroes-milhares-de-animais-selvagens-apreendidos-em-operacao-mundial/>

<https://pt.euronews.com/2019/07/10/milhares-de-animais-selvagens-apreendidos>

A operação desmantelou vários canais de comércio ilegal online, permitindo deter 21 pessoas em Espanha.

Novos testes de ADN previnem atrofia progressiva da retina



A atrofia progressiva da retina (APR), também conhecida como Degeneração Progressiva da Retina, é uma doença oftalmológica que provoca cegueira nos cães.

Afeta habitualmente ambos os olhos do animal, pode aparecer em qualquer cão, particularmente em animais mais idosos, mas apresenta especial incidência em algumas raças, como dachshund, caniche, Labrador retriever, schnauzer ou cocker spaniel.

Os sintomas clínicos de APR não são fáceis de identificar pelo tutor do animal, mas existem algumas mudanças de comportamento que a denunciam, como a dificuldade em ver à noite ou em locais com pouca iluminação. É comum ver o cão a bater com a cabeça nos objetos, perde-se em casa quando a luz é reduzida, e não reconhece o dono à distância.

Recentemente, o Kennel Club, uma organização britânica que regula e regista a standardização e seleção de raças caninas aprovou um novo sistema oficial de testes de ADN para prevenir esta patologia numa das raças mais propensas à doença – o schnauzer gigante, o que lhe dará uma “vantagem competitiva” sobre as outras.

Os testes de ADN podem evitar a transmissão da doença porque a APR é uma doença hereditária, ou seja, os progenitores que possuem este gene passam normalmente a doença aos cachorros, o que não implica, porém, que estes a desenvolvam. Algumas raças apresentam ainda mais do que uma mutação genética causadora da patologia.

De acordo com os testes, os animais podem ser considerados “clear” (livres da doença), “carriers” (portadores do gene, passando-a a metade da sua prole, porém sem desenvolverem a condição) e “affected”, ou seja, afetados pela doença porque, de acordo com o Kennel Club,

possuem “duas cópias do gene mutante que causa a condição e irão desenvolver a doença”.

Uma vez que a APR é transmitida de geração em geração, o teste terá uma função profilática.

Saber mais:

<https://www.thekennelclub.org.uk/press-releases/2019/july/new-dna-testing-scheme-for-the-giant-schnauzer/>

<https://www.vettimes.co.uk/news/new-test-identifies-cause-of-blindness-in-giant-schnauzers/>

<http://www.animalabs.com/progressive-retinal-atrophy-pra-genetic-testing/>

Lisboa já tem ambulância para socorro animal

A Câmara Municipal de Lisboa entregou recentemente (4 de julho) uma ambulância para socorro animal à Casa dos Animais de Lisboa. O veículo foi adquirido através do Orçamento Participativo de Lisboa e contou com um orçamento de 15 mil euros.

A viatura está dotada de meios de emergência médico-veterinária, como máscaras de oxigénio, um kit de reanimação, uma plataforma elevatória para animais de maior porte, uma marquesa, um ponto de água e capacidade para transportar até quatro animais em simultâneo, independentemente do porte.

De acordo com Marta Videira, diretora da Casa dos Animais de Lisboa, apesar de já existirem três viaturas de transporte animal, a ambulância de socorro vai ser dedicada aos animais acidentados e doentes que necessitam de suporte básico de vida e cuidados especiais. Uma ajuda preciosa para se conseguir prestar os melhores cuidados quando se é confrontado semanalmente com situações de emergências veterinárias na cidade.

Para o vereador do Desporto, Higiene Urbana, Proteção Civil e Regimento Sapadores Bombeiros, Carlos Manuel Castro, a questão do bem-estar animal deve ser cada vez mais uma preocupação das pessoas e, nesse sentido, deve existir uma maior responsabilidade para responder às necessidades existentes.

Segundo Carlos Castro, muitos destes projetos dependem do empenho dos cidadãos que estão interessados em promover cada vez mais o bem-estar animal.

O autarca destacou ainda a importância que os animais têm para a população mais envelhecida. Muitas dessas pessoas, pelo simples facto de terem animais, adquirem hábitos e rotinas diárias mais saudáveis, logo, eles são uma mais-valia na sua qualidade de vida.

Saber mais:

<https://www.timeout.pt/lisboa/pt/noticias/lisboa-ja-tem-uma-ambulancia-de-socorro-animal-070419>

<https://nit.pt/out-of-town/back-in-town/lisboa-ja-tem-a-primeira-ambulancia-para-socorro-animal>

<https://www.noticiasao minuto.com/pais/1282708/lisboa-tem-nova-ambulancia-de-socorro-animal-com-suporte-basico-de-vida>



ANIMAIS EXÓTICOS





Sua Majestade, o PAVÃO

Uma ave exuberante de
beleza ímpar

Com a sua cauda maciça e cores iridescentes, o pavão há muito fascina os seus observadores humanos. É uma das aves ornamentais mais exóticas e espetaculares do mundo, que tem alguns segredos para revelar.

Da ordem *Galliformes*, chama-se pavão às aves dos géneros *Pavo* e *Afropavo* da família dos faisões (*Phasianidae*).

A cauda dos pavões gerou o interesse de várias culturas pela sua exuberância de cores e beleza das penas. As cores verde, dourada e azul, em diversas tonalidades, são as cores naturais das suas penas mas por seleção artificial, já foram criadas outras variedades que apresentam plumagem branca, negra, púrpura, entre outras.

Mas esta excentricidade e charme da cauda são propriedade exclusiva do pavão macho, que a usa como artimanha na hora de conquistar a fêmea, conhecida, em vernáculo coloquial, por pavo. O pavão macho é, aliás, considerado o maior exemplo de dimorfismo sexual (diferenças de características físicas entre macho e fêmea) na natureza.

Vivem normalmente de 20 a 25 anos e conseguem adaptar-se a climas diferentes, embora prefiram viver em locais tropicais com acesso a bastante água e vegetação, da qual se alimentam, mas também conseguem viver em climas frios e atravessar invernos rigorosos.

Esta facilidade de adaptação tornou simples a sua criação e reprodução, tanto em cativeiro quanto em parques zoológicos, contudo, a presença de humanos e de outros animais deixa a ave agitada.

De origem asiática, o pavão aparece em maior número em terras da Índia, do Sri Lanka, Estados Unidos, México, Honduras, Colômbia, Guianas, Suriname, Brasil, Uruguai, Argentina, África do Sul, Indonésia, Papua-Guiné, Austrália, Croácia e alguns lugares da Europa, como Portugal e França.

E ainda que a sua distribuição geográfica seja alargada, não acontece o mesmo com a espécie.



As várias espécies de pavões

Existem somente três espécies ou tipos de pavão: o Pavão Azul (ou Indiano), o Pavão Verde (ou Java-nês), e o Pavão do Congo. Os únicos tipos de pavões que possuem a extravagante cauda de penas coloridas são os machos das espécies azul e verde.

Também conhecido como pavão comum, o pavão azul – de nome científico *Pavo cristatus* –, é a ave nacional da Índia, de onde é nativo, assim como do Sri Lanka e de outras partes do leste da Ásia.

A plumagem dos machos possui um tom de azul esverdeado, sendo as penas superiores da sua cobertura bastante longas e com caráter ornamental.

Possui uma cauda muito grande, pesada e espalhafatosa repleta de estruturas coloridas chamadas ocelos – a palavra deriva do latim “oculus”, que significa olho –, redondos e brilhantes. São esses pontos iridescentes que dão a dimensão exótica às suas plumas.

Os machos podem medir em torno de 2,2 metros com as suas penas de acasalamento, e sem a plumagem em torno de 107 cm, e pesam por volta dos 5 kg. Já as fêmeas da espécie podem chegar a medir em torno de 86 cm de comprimento e ter um peso aproximado de 3,4 kg.

O pavão verde (*Pavo muticus*), é comumente encontrado no Sudoeste da Ásia, em países como a Indochina, Bangladesh, Nordeste da Índia, Malásia Ocidental, Tailândia, Sul da China e Java. Apresenta plumagem brilhante, com um brilho metálico característico.

O comprimento do corpo do macho mede em torno de 1,8 a 3 metros; e pode pesar até 5 quilos. A fêmea tem metade do tamanho do macho, e pode apresentar 4 vezes menos massa. Em relação à coloração, o dimorfismo sexual não é tão aparente.

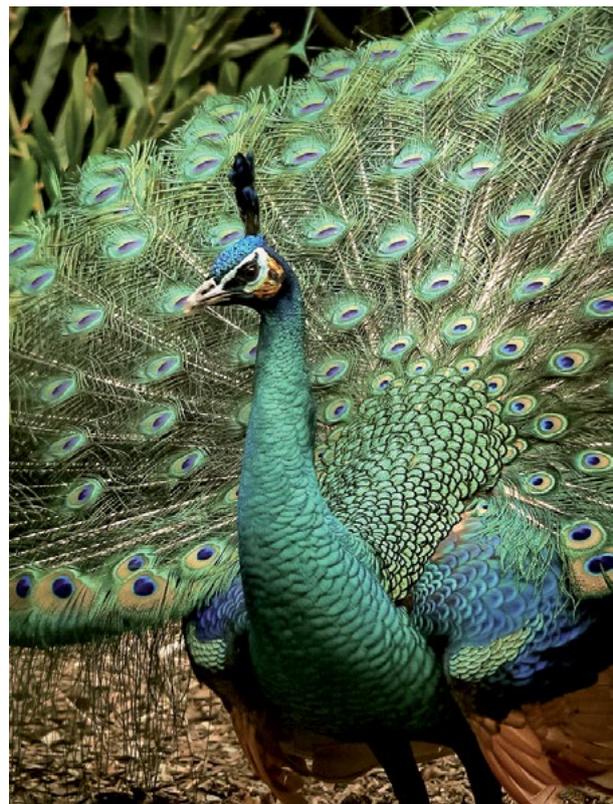
Na parte superior da cabeça, a coloração é azul metálico, cinza ao redor dos olhos, preta no bico, e verde-ouro ao longo do pescoço.

O peito e as costas apresentam variações entre o azul e verde, com pequenas manchas em tons de vermelho ou amarelo. As asas tem cor verde-escuro, com algumas penas de voo em coloração castanha, com manchas pretas e cinzas.

O pavão do Congo ou, cientificamente falando, *Afropavo congensis*, é o único tipo de pavão que é nativo da África.

Semelhantes a faisões, os pavões do Congo são de pequena estatura e sem as impressionantes penas da cauda. O seu revestimento possui tonalidades azul esverdeadas e penas esverdeadas nas asas.

Este pavão é muito diferente de seus parentes indianos.





É menor, atingindo um comprimento total de apenas 70 cm, nos machos, e os 60 a 64 cm nas fêmeas, e um peso corporal de até 1,5 kg em machos e 1,2 kg em fêmeas.

Tem uma cauda muito mais curta, com apenas 23 a 25 cm sem ocelos, possui uma extensão variável de pele vermelha nua no pescoço, e a crista vertical na cabeça é branca na frente com algumas penas escuras atrás. A fêmea desta espécie também é muito diferente da pavo asiática. Possui o peito castanho brilhante, partes inferiores e testa, enquanto a parte de trás é verde metálico.

Através de uma reprodução seletiva e de mutações sofridas com o passar do tempo, existem pavões com colorações diferentes das do pavão indiano e verde. O pavão branco não é um albino, mas sim um produto do leucismo que confere a cor branca a animais que geralmente são coloridos, e é totalmente branco. Outras variações de reprodução incluem pavões amarelos, pretos, castanhos e roxos. Todos eles são variações simples ou mutações dos pavões verdes ou indianos.

Características e comportamento das aves

A maioria de nós viu pavões nos parques zoológicos ou caminhando livremente em jardins bem cuidados de antigos palácios, mas raras são as pessoas que os viram em voo. Sabia que podem voar?

Apesar de serem aves terrestres com pouca capacidade de voo eles conseguem voar, ainda que só o façam em caso de perigo. Quando aparece um predador, os pavões levantam vôo e, surpreendentemente, as suas longas caudas não são impedimento para a descolagem. Embora as suas distâncias de vôo sejam limitadas, podem atingir até aos 16 km/h.

O pavão branco não é um albino, mas sim um produto do leucismo que confere a cor branca a animais que geralmente são coloridos.

Os pavões selvagens procuram a sua comida de manhã cedo ou ao anoitecer. Durante a parte mais quente do dia retiram-se para a sombra e segurança da floresta. Estas aves comem com o seu bico quase tudo o que puderem digerir, mas ingerem principalmente partes de plantas, pétalas de flores, sementes, insetos e outros artrópodes, répteis e anfíbios.

Outra curiosidade destas aves é o facto de passarem a noite no topo das árvores, e quando se sentem ameaçados pelos seus predadores – felinos selvagens como tigres, leopardos, mas também os mangustos e até cães selvagens e gatos –, é para lá que fogem.

São aves territorialistas, ou seja, não aceitam a presença de outros animais, sobretudo se forem machos da mesma espécie. Nesse caso, o pavão macho que teve o seu território invadido por outro macho luta com o adversário até que o estranho saia de sua área.

Se perder, o pavão retira-se do território que até então era seu, e vai em busca de outro território. Quando irritados, destroem arbustos e flores.

O acasalamento dos pavões não passa despercebido a quem esteja pelos arredores do seu território, pois nessa fase as aves gritam dia e a noite. Durante este período os pavões realizam um complicado ritual onde a extravagante cauda desempenha o papel principal.

A cauda tem a função de mostrar às fêmeas o quanto os machos são saudáveis, sendo que o tamanho desta é proporcional à saúde física e genética de cada um dos animais. O macho agita-se diante da fêmea para chamar a sua atenção realizando vários movimentos rodando e principalmente abrindo a cauda em leque e emitindo gritos como sinal de que quer acasalar.



Consumado o fato, a fêmea põe, num ninho construído por ela no solo, entre 4 e 8 ovos – um por dia, e normalmente à tarde –, que levam entre 28 a 30 dias a eclodir. As crias abandonam o ninho precocemente, começam logo a alimentar-se sozinhas, mas seguem a progenitora até serem independentes.



Sabia que os pavões podem voar? Apesar de serem seres terrestres em caso de perigo levantam voo e, surpreendentemente, as suas longas caudas não os impedem de descolar.





**Repleto
de simbologia,
o pavão seduz e
encanta quem o vê.**

A maturidade sexual chega para os machos a partir dos três anos de vida, quando a plumagem da cauda atinge o tamanho máximo, já as fêmeas estão prontas para a reprodução um ano antes.

O macho não auxilia no cuidado com os ovos, e é polígamo. Na época da nidificação formam-se haréns constituídos por um macho e três ou quatro fêmeas.

Estes são apenas alguns factos curiosos sobre uma ave cuja cauda é uma arte viva, e que é considerada a ave do paraíso. Pela impressionante harmonia das suas formas e pela exuberância das suas cores, o pavão é um animal associado à beleza e à perfeição.

Na Índia já foi considerado um animal sagrado: quem matasse um seria condenado à morte. Durante o inverno, as penas do pavão caem para que nasçam outras novas, recuperando o seu esplendor na primavera. Por essa razão, a ave tornou-se símbolo de renovação e mudanças favoráveis, da imortalidade e do renascimento. Na China é sinal de fertilidade e prosperidade.

Repleto de simbologia, o pavão seduz e encanta quem o vê. Se ainda não teve essa oportunidade não espere mais, vá até ao Jardim Zoológico de Lisboa e sacie a sua curiosidade. Não se arrependerá!

Saber Mais:

<https://www.mundoecologia.com.br/animais/raca-de-pavao/>

<https://www.mundoecologia.com.br/natureza/a-origem-do-pavao/>

<https://www.greenme.com.br/significados/6994-pavao-origem-curiosidades-significado>



**O pavão,
cuja cauda é uma
arte viva,
é considerado
a ave do paraíso.**



FICHA TÉCNICA - Propriedade e Edição: Tupam Editores SA • Sede: Rua da República Peruana, nº9 1º Dto, 1500-550 Lisboa • Telef.: 217609308 • Fax: 217609141 • Web: www.tupam.pt • email: info@tupam.pt • Diretor: C. Simões-Lopes • Chefe de Redação: A. Correia • Diretor Médico: Prof. Doutor E. Marques Fontes • Diretor Farmacêutico: Dr. V. Lobo Neves • Execução Gráfica: Tupam Editores SA • Circulação média da última edição: 400 exemplares impressos, 5.800 Digitais PDF • Periodicidade: Mensal • ISSN: 2182-2220 • Imagens e Infografias: Técnica & Magia Lda • Publicidade: 217609308 ou dircomercial@tupam.pt • ©Tupam Editores, Copyright 2019 Todos os direitos reservados
VET DIGEST®, o logótipo "Pegaso" e Índice®, são marcas registadas da Tupam Editores. Todas as outras marcas comerciais e marcas registadas, são propriedade dos respetivos detentores. • Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida sem a permissão da Tupam Editores.
Aviso Legal: Os conteúdos deste Magazine são de carácter informativo e não podem ser considerados exatos, fiáveis ou completos, sendo da inteira responsabilidade do leitor a sua interpretação e avaliação.



Osteoartrite em animais de companhia em crescimento

Dados recentemente publicados pela rede de clínicas veterinárias Banfield, nos EUA, chamaram a atenção para o aumento da prevalência de osteoartrite em animais de companhia.

Trata-se de uma doença articular degenerativa que até há pouco tempo estava associada maioritariamente à idade dos animais de companhia, pois afetava principalmente os de meia-idade e os idosos, que faz com que a locomoção se torne difícil e dolorosa.

Os dados da Banfield dão conta de que atualmente a doença afeta animais de qualquer idade, tendo aumentado 66 por cento em cães e 150 por cento em gatos na última década.

E o excesso de peso e a obesidade parecem ser um

fator de influência para o desenvolvimento da doença, com a rede a indicar que 52 por cento dos cães e 41 por cento dos gatos que sofrem de osteoartrite também sofrem de excesso de peso ou de obesidade.

Não há, por enquanto, cura para a osteoartrite, mas existem alguns cuidados que podem diminuir o desconforto dos animais e aumentar a sua mobilidade e qualidade de vida, especialmente se o tratamento começar numa fase precoce do problema.

Em alguns animais, a dor e perda da mobilidade podem ser reduzidas ao mínimo por longos períodos de tempo com um esquema simples de controlo de peso, exercícios moderados e regulares e o uso ocasional de fármacos anti-inflamatórios, se as crises ocorrerem.

Em outros animais, podem ocorrer mais rapidamente graves danos para as articulações, pelo que necessitam de medicação a longo prazo e outros tratamentos. Em qualquer caso, o veterinário pode determinar o melhor tratamento para a condição particular de cada animal.

Não há nenhuma razão para que um animal com osteoartrite não possa ter uma vida feliz, saudável e confortável durante muitos anos – para isso é necessário um diagnóstico precoce, carinho, atenção e aconselhamento veterinário. Não deixe de o fazer!

Saber Mais:

<https://www.banfield.com/exchange/latest-thinking/vet-report/overview>

<https://www.veterinarypracticenews.com/osteoarthritis-in-pets-on-the-rise-alongside-obesity-epidemic/>

Nova metodologia permite reduzir alergia dos humanos aos gatos

Uma equipa de cientistas anunciou recentemente a descoberta de uma metodologia que vai permitir reduzir os níveis de atividade daquela que é a maior responsável pela alergia dos humanos aos felinos – a proteína Fel d1.

É importante referir que em cada cinco adultos em todo o mundo são alérgicos aos gatos, com 95 por cento das reações alérgicas a serem causadas por esta proteína, que é produzida na saliva dos gatos e nas suas glândulas sebáceas e que depois é transferida para o pelo dos animais e libertada no ambiente.

Estima-se que um gato adulto produza, em média, entre 2 a 7 µg de Fel d1 por dia. Estudos anteriores revelaram que machos férteis produzem a proteína em quantidades superiores aos indivíduos castrados.

Mas, embora os animais castrados e as fêmeas produzam a Fel d1 em menor quantidade, ainda assim conseguem causar alergias nas pessoas mais sensíveis.



Em alguns humanos, a proteína causa uma forte reação alérgica, com sintomatologia que pode variar desde irritação no sistema respiratório até à presença de vermelhidão, comichão e descamações da pele.

O estudo, conduzido por cientistas do Purina Institute, permitiu apurar que a solução para o problema pode estar na alimentação dos animais. Durante o investigação os cientistas alimentaram uma amostra de cerca de cem gatos com uma dieta com anticorpos anti-Fel d1 obtidos a partir de ovos de galinha.

Saber Mais:
<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/iid3.244>
<https://www.petfoodprocessing.net/articles/13178-purina-research-to-counteract-cat-allergy-culprit>
<https://www.sciencenews.org/article/giving-cats-food-antibody-may-help-people-cat-allergies>

Os animais foram submetidos a esta dieta durante seis semanas, com 97 por cento dos gatos a registarem uma diminuição de cerca de 97 por cento deste alérgeno. Os resultados mostraram que, após três semanas de alimentação com esta dieta, houve uma diminuição de cerca de 47 por cento da atividade daquela proteína no pelo dos animais.

Detetado caso de raiva em Ceuta

As autoridades espanholas detetaram, no passado mês de junho, um caso de raiva, em Ceuta. De referir que o animal afetado havia sido abatido, tendo sido retirada uma amostra do seu tecido cerebral, que foi enviada para o Instituto de Saúde Carlos III para análise.

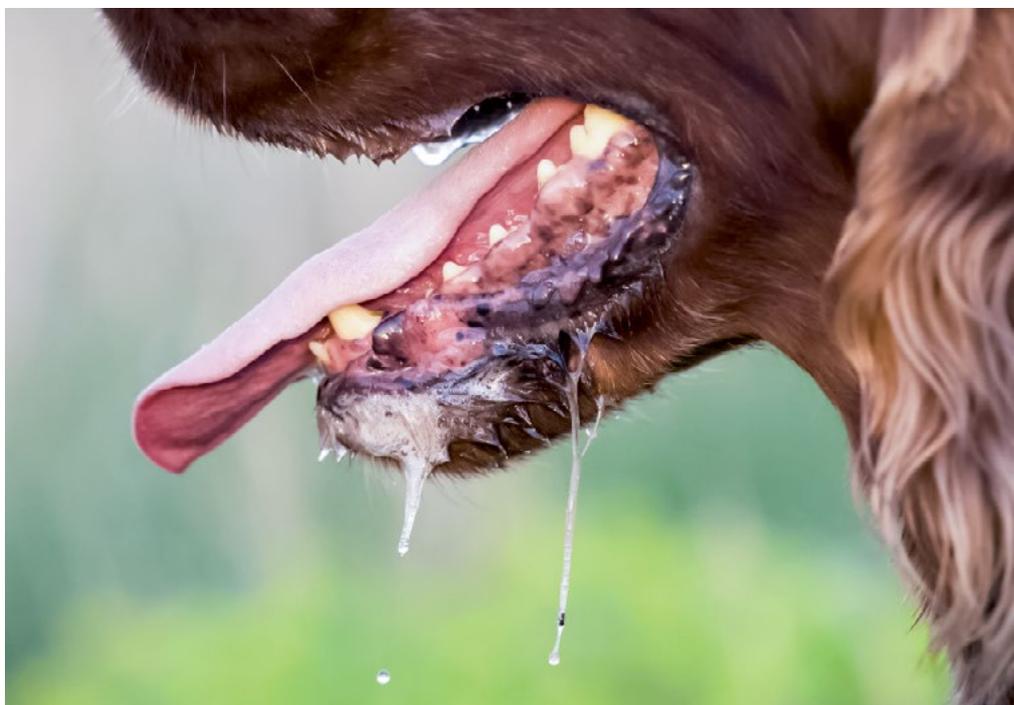
O presidente do Colégio Oficial de Veterinários de Ceuta, Francisco Fernández, já confirmou que se tratava de um animal que havia sido importado de Marrocos, e a organização está a colaborar com o Conselho de Saúde espanhol e os Serviços Sociais para colocar em marcha um conjunto de medidas de prevenção da disseminação da doença.

As autoridades espanholas afirmam que não existem razões para alarme, uma vez que o animal estava confinado a um espaço fechado e que a doença está controlada. Além disso, referem que a campanha antirrábica nacional já está operacional, sendo gratuita para todos os cães, gatos e furões.

Desde 2012 que não era detetado um caso de raiva na região autónoma de Ceuta, em Espanha.

A raiva é uma doença infecciosa viral contagiosa. Afeta o sistema nervoso de cães de todas as idades e transmite-se maioritariamente através da mordedura de animais infetados.

Trata-se de uma doença zoonótica, ou seja, pode ser transmitida ao ser humano, sendo responsável por 30 a 70 mil mortes humanas por ano (em África, na Ásia e na América do Sul). O prognóstico para animais infetados é mau, culminando na morte em pou-



cos dias, pelo que é extremamente importante a vacinação contra a doença.

Em Portugal, e de acordo com o Plano Nacional de Luta e Vigilância da Raiva e Outras Zoonoses, esta vacina é obrigatória para todos os canídeos com três ou mais meses de idade e está sujeita ao pagamento da taxa de vacinação que é fixada, anualmente, pela Direção Geral de Alimentação e Veterinária. Para os felinos, apesar de não ser obrigatória, é aconselhada.

Saber Mais:

<https://colegioveterinarios.net/2019/06/27/caso-de-rabia-en-ceuta-2/>

<https://www.animalshealth.es/profesionales/el-caso-de-rabia-del-perro-ceuta-es-importado-de-marruecos-francisco-fernandez-veterinario>

<https://www.vidaativa.pt/a/raiva-em-caes/>

Médicos veterinários espanhóis recuperam jovem ocelote

Os veterinários do parque zoológico Terra Natura Benidorm, em Alicante, Espanha, conseguiram salvar um dos jovens ocelotes (*Leopardus pardalis*) do zoo, nascido em novembro de 2018.

A cria, de nome Enzo, sofreu várias lesões na pata anterior esquerda, incluindo uma fratura múltipla dos ossos, mas os médicos veterinários conseguiram resolver o caso sem recorrer à amputação.

Os profissionais realizaram tratamentos contínuos para promover a regeneração dos tecidos e a cicatrização da pata do felino. A lesão, considerada “muito complicada”, foi provocada por uma dentada de outro ocelote, mais concretamente do pai de Enzo.

Depois de explorarem vários raios-X, os veterinários do zoo resolveram realizar um tratamento a cada dois dias, recorrendo a antibióticos para controlar a infeção e facilitar a regeneração dos tecidos. A pata foi imobilizada com recurso a ligaduras, tendo-se constatado que 15 dias depois a infeção já estava sob controlo. Dois meses após o tratamento, a evolução revelou-se favorável e o ocelote havia recuperado o uso da extremidade.

Os ocelotes são felinos noturnos e solitários. São animais territoriais, podendo o território de um macho sobrepor-se ao de uma ou duas fêmeas, o que ajuda a explicar a agressão sofrida por este jovem ocelote.

Trata-se de uma espécie essencialmente arbórea e excelente nadadora, que habita diversos locais, desde mangais a florestas tropicais húmidas, pastagens e estepes semiáridas arbustivas.

Apesar da sua ampla distribuição, a espécie está ameaçada pela perda e fragmentação do habitat, pela caça para o comércio ilegal e pela perseguição humana, estando incluída no apêndice I da CITES (Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies da Fauna e da Flora Selvagem Ameaçadas de Extinção).



Saber Mais:

<https://www.europapress.es/comunitat-valenciana/noticia-veterinarios-terra-natura-benidorm-salvan-cria-ocelote-sufrido-traumatismo-grave-20190712152053.html>

<http://benidorm.terrannatura.com/en/noticias/the-veterinarians-of-terra-natura-benidorm-manage-to-save-an-ocelot-offspring-from-a-serious-traumatism/>

<https://misanimales.com/ocelote/>

Desenvolvido colete que permite treinar cães sem usar a voz ou o gesto

Treinar, educar e dar ordens a um cão sem usar a voz ou fazer qualquer gesto já é possível graças a uma investigação recentemente levada a cabo por uma equipa de cientistas da Universidade Ben-Gurion de Negev, em Israel.

Os cientistas criaram um colete canino modificado que utiliza vibrações semelhantes às de um telemóvel e que os animais associam a diferentes comandos após um período de treino.

As vibrações hápticas – termo que vem da palavra grega *haptikós* e significa “relativo ao tato” – simulam os sentidos do tato e o movimento, permitindo ao treinador ou dono comunicar com o animal remotamente.

O colete conta com quatro pequenos motores vibratórios, que são colocados sobre os ombros e costas do cão. O treinador pode ainda controlar o local e a duração das vibrações. A peça já está disponível para animais de companhia e treinadores.

Segundo Amir Shapiro, diretor do Laboratório de Robótica do Departamento de Engenharia Mecânica da universidade, os resultados da investigação permitiram apurar que os cães respondem bem a sinais vibrotáteis, inclusive melhor do que a ordens vocais.

Esta tecnologia é particularmente útil para cães de trabalho que operam em ambientes ruidosos, como os que detetam pessoas no meio de escombros, ou para cães de assistência, por exemplo, de pessoas mudas.

Em investigações futuras a tecnologia será testada em animais de raças diferentes, idades e planos de treino.



Saber Mais:

<https://www.jpost.com/Israel-News/New-canine-vest-delivers-remote-commands-through-vibrations-its-pawesome-595176>

<https://www.breakingisraelnews.com/133123/israeli-scientist-invents-silent-dog-training-method-using-remote-control-technology/>

<https://www.animalshealth.es/mascotas/el-chaleco-que-permite-educar-a-un-perro-sin-decir-una-palabra>



Dúvidas sobre medicamentos?

ÍNDICE.EU

ÍNDICE[®] PRO

  **Android e iOS**



Compatível com as últimas versões iOS e Android
Faça Download Gratuito nas App Stores

